

Фридрих Горенштейн

Publicado com o apoio do
Instituto de Tradução (Rússia)



AD VERBUM

Friedrich Gorenstein

Salmo

romance-meditação sobre
os quatro flagelos do Senhor

Tradução do russo

Moissei Mountian e Irineu Franco Perpetuo

Posfácio

Moissei Mountian

Capa

Fabio Flaks



KALINKA

Sobre a tradução	p. 07
Capítulo I. Parábola do irmão perdido	p. 13
Capítulo II. Parábola dos suplícios dos ímpios	p. 111
Capítulo III. Parábola do adultério	p. 173
Capítulo IV. Parábola da doença do espírito	p. 229
Capítulo V. Parábola do cálice quebrado	p. 285
Posfácio: Notas sobre <i>Salmo, romance-meditação sobre os quatro flagelos do Senhor</i>	p. 393
Colaboradores	p. 404

Sobre a tradução

Nas cinco partes, ou parábolas, que compõem *Salmo* (1975), é construído um paralelo entre os episódios e personagens bíblicos e os do enredo, por isso os trechos bíblicos receberam atenção dos tradutores.

As passagens da bíblia foram vertidas do texto original do romance, e não citadas de alguma tradução para o português, já que Gorenstein baseou-se na versão russa da bíblia para compor seu texto, embora ele próprio reclamasse das imperfeições dela. Na versão utilizada de *Salmo* (ed. *Ázбука*, 2012) pela tradução, não há referências da bíblia russa usada pelo autor, mas deve tratar-se da versão feita por B. Götze em 1939, uma atualização da de 1876.

Apesar de as passagens bíblicas terem sido traduzidas, elas foram, na medida do possível, localizadas e anotadas pelos tradutores, que se basearam na *Bíblia de Jerusalém* (ed. Paulus, 2016).

Os nomes bíblicos, por terem uma significação na obra, não foram transliterados conforme as regras adotadas nos demais casos, mas foram padronizados também conforme a *Bíblia de Jerusalém* e o *Dicionário Bíblico*, de John L. Mckenzie (ed. Paulus, 1983).

Salmo

romance-meditação sobre
os quatro flagelos do Senhor



Dedicado à minha mãe.

Não seguirás a multidão para fazeres o mal; não deporás, em um processo, em nome da multidão, torcendo o direito. Não favorecerás o pobre em seu processo.

Segundo Livro de Moisés. Êxodo¹

Seguir os pensamentos de um grande homem é a mais fascinante das ciências.

Púchkin²

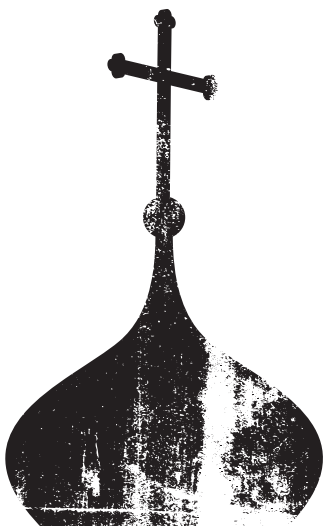
Já ouvi falar também, e muito, de como você se pinta. Deus te deu uma cara e você faz outra. E você ondula, você meneia, você cicia, põe apelidos nas criaturas de Deus, e procura fazer passar por inocência a sua volúpia.

Shakespeare. *Hamlet*³

1 Êxodo 23: 2,3.

2 *O negro de Pedro, o Grande*, tradução de Boris Schnaiderman. (Editora 34, 1999)

3 *Hamlet*, tradução de Millôr Fernandes. (L&PM, 1997)



“Que desgraça! Um alvoroço de numerosos povos! Fazem tanto barulho como o mar. O clamor dos povos! Seu clamor é como o clamor de águas violentas!”⁴ Assim falou Isaías, filho de Amós e o profeta que, oito séculos antes da estrela de Belém, previu o Nascimento da Criança, do Filho, ao seu povo amado, embora desobediente e teimoso. Seu povo era exaurido por brados e tropéis vindos de todos os lados. Assim falou o profeta, cujo ouvido sensível distinguiu o tropel mais perigoso, que vinha do Norte.

Sim, tumulto e inquietação se espalharam pela terra. Mas, quanto mais nos elevamos ao céu, menor o tumulto, quanto mais nos aproximamos do Senhor, menor a piedade Dele pelos homens. Eis por que o Senhor, por piedade dos homens, mandou seus mensageiros à terra. O Senhor não os escolheu sozinho, mas enviou os eleitos e designados pelos profetas. Esse direito foi concedido ao homem somente no princípio da existência, na criação do mundo. “O Senhor Deus moldou da terra todos os animais dos campos e todos os pássaros do céu e os levou ao homem para ver como ele os chamaria, e, como o homem designasse cada alma vivente, esse seria o nome dela.”⁵ Dessa maneira, o Senhor introduziu no homem a força do Criador e o iniciou nos mistérios da arte. No sétimo dia da criação, houve o Nascimento da arte, no sétimo dia foi dado ao homem esse dom divino, até hoje reservado para seus eleitos. Entre os eleitos, Ele separou os profetas adivinhos, menores e maiores,⁶ e, entre estes, elegeu somente três — Moisés, o criador da Lei de Deus; Isaías, que previu a vinda de Cristo, da tribo de Judá, o Messias; e Jeremias, que previu a vinda de Anticristo, da tribo de Dã, o Antimessias.

Em seu leito de morte, Jacó, o fundador de Israel, anunciou o futuro a seus doze filhos, para que eles saciassem a curiosidade por seu próprio destino e empregassem suas forças apenas na realização do Testamento. Ao quarto filho, Judá, ele disse:

4 Isaías 17:12.

5 Gênesis 2:19.

6 Segundo classificação de Agostinho, os profetas maiores, os que escreveram mais, são Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel; os menores, Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias (os doze últimos livros proféticos do Velho Testamento).

— Tu, Judá, serás louvado por teus irmãos! Tua mão pousará sobre as costas de teus inimigos. Os filhos de teu pai se curvarão a ti. Um jovem leão é meu filho Judá, que se ergue de sua presa. Ele se inclinou e se deitou como um leão e uma leoa: quem o despertará? Um cetro não se afastará de Judá nem um legislador de seus pés até que venha Siló e os povos Lhe obedecem...⁷

Ao seu sexto filho, Dã, Jacó disse:

— Dã julgará seu povo como uma das tribos de Israel. Dã será uma serpente na estrada. Uma áspide no caminho que fere a pata do cavalo, de maneira que o cavaleiro cairá para trás...⁸

Do leão no auge de sua força e de seu caminho surgiu Cristo, o Messias. Da Áspide, a serpente, a arma de morte dos antigos carrascos e suicidas, surgiu Anticristo, o Antimessias. E no grande dia da Bênção e da Maldição, quando Moisés, da tribo de Levi, ensinou ao povo amar a Deus e temer a maledicência, eles estavam separados. A tribo de Judá no monte da Bênção, Garizim; a tribo de Dã no monte da Maldição, Ebal.⁹

Passou-se muito tempo desde o sétimo dia da Criação, dia sagrado para o Nascimento da arte. Mas o pensamento, a mais temível tortura terrena a que depois foi submetido Shakespeare, um gênio fixado na terra e rejeitado pelos Céus — pois quem é forte em desvendar mentes humanas é fraco em desvendar as ideias divinas —, o pensamento atormentava o homem, que por isso fora expulso do Éden e condenado ao trabalho eterno. Quanto à arte, um Dom sagrado do Senhor, o homem aprendeu a dirigi-la contra Aquele de quem a recebera. E a primeira maldição, pronunciada no monte Ebal conforme os Mandamentos de Moisés, foi:

— Maldito seja aquele que esculpir ou fundir um ídolo, uma indecência perante o Senhor, obra das mãos de um artista, e que o guardar em lugar secreto!¹⁰

7 Gênesis 49:8–10.

8 Gênesis 49:16, 17.

9 O monte Garizim (atual Cisjordânia) é separado do monte Ebal (hoje chamado Jebel et-Tor) por um vale; ficam frente a frente. Moisés ordenou que os judeus, após atravessarem o rio Jordão, fossem aos montes Ebal e Garizim: “Após ter atravessado o Jordão erigireis estas pedras, conforme hoje vos ordeno, sobre o monte Ebal, e as cairás [...]” (Deuteronômio 27: 4). (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 290)

10 Deuteronômio 27: 15.

Dilacerado por seus desejos e por sua vergonha, o homem, concebido da Árvore do conhecimento do Bem e do Mal, continuava sem conhecer seus limites e não tinha medo. Criava ídolos já não de forma clandestina, mas aberta, elevava ao pedestal pecadores como ele, seus semelhantes... Em vão, como uma voz no deserto, clamava o grande profeta sofredor Jeremias:

— A língua deles foi polida pelo artista e eles mesmos cobertos de ouro, mas são de mentira e não podem falar. [...] E não podem se tornar nada além do que os artistas querem que eles sejam. [...] Ao ver uma multidão chegando de todos os lados para adorá-los, tu deves dizer mentalmente: “É a Ti que se deve adorar, Senhor...”¹¹

No entanto, conforme a tradição, lançaram-se contra Jeremias por sua profecia: bateram nele e o colocaram no porão do escriba Jônatas, transformado em calabouço popular.¹² Quando Jeremias estava a ponto de morrer, o rei apiedou-se dele e o transferiu para o calabouço real, no pátio da guarda, onde lhe davam pão.

O rei deu uma ordem a Ebed-Melec, o Etíope: “Leva trinta homens contigo e resgata o profeta Jeremias, antes que ele morra”. Ebed-Melec pegou uns trapos velhos e inúteis e uns retalhos velhos e inúteis e, com a ajuda de cordas, baixou-os no poço de Jeremias. E Ebed-Melec disse a Jeremias: “Coloca esses velhos trapos e retalhos que te foram jogados sob as axilas e a corda por baixo deles”. E assim fez Jeremias. Puxaram Jeremias pelas cordas e o tiraram do calabouço, e ele ficou no pátio da guarda.¹³

Assim padeceu o grande profeta judeu que previu, entre os irmãos da tribo de Dã, a chegada do Anticristo e criou a legendária doutrina da não resistência ao ímpio pela maldade e pela violência, ensinamento que, depois de sete séculos, foi apropriado pelo mundo. Pois todo profeta prediz contra o rei e contra o povo e por eles é perseguido e punido. Como o Senhor poderia, com uma única pena, castigar muitos pecadores sem que alguns justos perecessem se a vida é um Manuscrito de Deus? Mesmo o criador terreno,

11 Baruc 6 (Carta de Jeremias): 7, 45, 5.

12 Jeremias 37: 15.

13 Jeremias 38:10–12. Após ter ficado no pátio da guarda, por ordem de Zedequias (Matanias), último rei de Judá, com Israel cercada pelas tropas de Nabucodonosor (632 a.C–562a.C), rei da Babilônia, Jeremias ainda foi jogado num poço.

a não ser que trabalhasse no estilo realista socialista, não conseguiria suprimir o mal deixando o bem a salvo; poderia apenas, como Gógol, lançar o manuscrito inteiro ao fogo, exterminando-o por completo.¹⁴ Pois bem, o Senhor, que ainda na época de Noé rejeitou o castigo coletivo, criou, contra as punições dos reis e dos povos, quatro grandes flagelos. Ei-los segundo o relato do profeta do exílio, Ezequiel.

O primeiro flagelo é a espada, o segundo a fome, o terceiro o animal feroz, simbolizado pela luxúria, o quarto a doença, a peste...¹⁵

Às vezes os flagelos acontecem juntos, às vezes separados, às vezes um se fortalece, às vezes outro... Mas nesse ano, quando o que fora predito pelo profeta sofedor Ezequiel se realizou e na terra apareceu Dã, da tribo de Dã, a Áspide, o Anticristo, criado para julgar e amaldiçoar, e não para abençoar, intensificou-se especialmente o segundo flagelo do Senhor: a fome. Cumpriu-se assim o que fora predito pelo profeta Ezequiel:

— Enviarei as flechas ferozes da fome que vos causarão ruína; para vossa destruição, aumentarei a fome entre vós e arrasarei o trigo que vos alimenta...¹⁶

Nesse momento, Dã, da tribo de Dã, o Anticristo, veio à terra... Isso aconteceu em 1933,¹⁷ no outono, perto da cidade de Dimítrov, na região de Khárkov... Lá se deu o início da primeira parábola. Pois, quando chegam os flagelos do Senhor, destinos humanos triviais transformam-se em parábolas proféticas.

14 Nikolai Gógol (1809–1852), em crise nervosa, queimou a segunda parte de *Almas mortas* duas vezes: em 1845 e, depois de refeita, em 1852, morrendo algumas semanas depois. A obra, portanto, permaneceu inacabada.

15 “Ainda que eu envie a Jerusalém meus quatro castigos terríveis, a saber, a espada, a fome, os animais ferozes e a peste [...] sobrá nela um resto que conseguirá escapar [...]” (Ezequiel 14:21). (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 1498).

16 Ezequiel 5:16.

17 1933 foi o ano da implantação da coletivização na URSS, quando as propriedades dos camponeses foram confiscadas e agrupadas em cooperativas (colcozes). Houve também a apreensão de animais e de cereais. Na Ucrânia, instalou-se o que ficou conhecido como *Golodomor* (em tradução literal, “morte pela fome”).

Notas sobre *Salmo*, romance-meditação sobre os quatro flagelos do Senhor

O escritor, dramaturgo e roteirista Friedrich Gorenstein (1932–2002), judeu nascido em Kíev, escreveu o romance *Salmo* entre 1974 e 1975, ainda vivendo na União Soviética (ele emigrou para a Alemanha em 1980), mas em seu país, obviamente, a obra nunca foi publicada, assim como nenhum de seus livros (foram dezesseis romances). Depois, no entanto, ele se tornou um escritor cultuado na Rússia — foi finalista, em 1992, do prestigioso prêmio *Booker Prize* —, sendo apreciado por artistas e escritores, como Andrei Tarkóvski (1932–1986), com quem escreveu os roteiros de *Andrei Rublión* (1966) e *Solaris* (1972), e Viktor Eroféiev (1947). Entre os roteiros de Gorenstein (foram dezessete escritos entre 1963 e 1980), devemos citar também o de *A escrava do amor* (1975), filme de Nikita Mikhalkóv (1945), e *Sviétlyi viéter* (*Vento luminoso*) — roteiro baseado na novela *Ariel*, de Aleksáedr Beliáiev (1884–1942), que escreveu com Tarkóvski, mas este não chegou a filmá-lo.

Romances sobre temas bíblicos não são novidade na literatura universal. Mas, à diferença, por exemplo, de *José e seus irmãos* (1926–1940), de Thomas Mann, e de *Mestre e Margarida* (1940), de Mikhail Bulgákov, *Salmo* estabelece uma continuidade entre as épocas bíblicas e o século XX, o foco do romance. As profecias, retiradas da Bíblia, se encaixam perfeitamente nos acontecimentos descritos na obra, cuja personagem principal é o Anticristo, enviado à terra pelo Senhor. Assim, em *Salmo*, Gorenstein não recria episódios bíblicos, mas usa-os para ilustrar a vida na União Soviética, como que transportando uma época para outra.

A vinda do Anticristo à terra ocorre com precisão: no ano de 1933, numa pequena vila da Ucrânia, na região de Khárkov. Já o desaparecimento dele, sua morte, se dá no ano de 1973. Portanto, a passagem mítica do Anticristo pela terra dura 40 anos, e o que ele testemunha é transmitido diretamente ao Senhor (Deus pai), com quem ele se comunica através dos profetas. Temos, portanto, um narrador, no mínimo, peculiar.

Os quatro flagelos impostos pelo Senhor aos homens constituem os quatro capítulos, ou quatro parábolas, desse romance fantástico, porém há um quinto, e nisso o texto se assemelha à Bíblia, que também não é precisa, pois “não é uma crônica”, como pontua Andrei, um dos filhos do Anticristo.

Cada capítulo, dedicado a uma punição, um flagelo, tem uma estrutura idêntica: um preâmbulo filosófico-religioso seguido de uma parábola, um

procedimento bíblico que dá o tom do romance. A forma de parábola, não encontrada em nenhuma outra obra russo-soviética, fez com que muitos críticos considerassem *Salmo* um dos romances russos mais complexos do século XX. As digressões do narrador perpassam o texto, seguindo a tradição de escritores como Dostoiévski e Tolstói. Elas não estão separadas estruturalmente do enredo, mas se entrelaçam a ele e fazem voos surpreendentes. F.G., como ele mesmo descreveu, usa as tramas de sua escritura como uma tela em que ele tece seus pensamentos livremente, que se refletem como um espelho no decorrer das histórias.

Além do evidente debate religioso — Velho Testamento (Bíblia) *versus* Novo Testamento (Evangelho) —, há outro tema que permeia o romance: a relação dos judeus com o mundo sob domínio do cristianismo, o que criou a chamada *questão judaica*, principalmente em relação aos russos e aos alemães. Gorenstein foi um dos poucos escritores soviéticos a abordar a *questão judaica*, ou a posição do judeu na URSS, com tamanha força, talvez um dos únicos, ao lado de Vassíli Grossman (1905–1964).

A *questão judaica* é um tema relevante para o livro, sobre a qual se discorre desde o “tutor grego”,¹ passando pela Idade Média — que deu início, conforme o narrador, ao ateísmo — e pelos períodos nazista e comunista. Nessa questão, F.G. estabelece um diálogo contínuo e flagrante com Fiódor Dostoiévski, com quem, pelo estilo e pela temática, foi muitas vezes comparado. Na polêmica estabelecida com Dostoiévski em *Salmo* — que surge de outras formas em outras obras, como na peça *Spóry o Dostoiévskom* (*Discussões sobre Dostoiévski*, 1973) e em seu conhecido romance *Miesto* (*O lugar*, 1976) —, F.G. cita, em particular, artigos de *Diário de um escritor*, como “A questão judaica” (1877). A *concepção* de mundo cristã de Dostoiévski, como explicitada por Nikolai Berdiáiev (1874–1948), é colocada em discussão em *Salmo* através do Velho Testamento. Esse choque de visões perpassa todo o romance, norteador as digressões do narrador.

O narrador de *Salmo* vê em Cristo um Messias, um Salvador, enviado pelo Senhor à terra para salvar os inúmeros pecadores (e não suas vítimas) e sua vinda foi anunciada pelo profeta Isaías. No romance, o Cristo não é contrário ao Velho Testamento, à sua “mãe judia”, mas não foi compreendi-

1 O termo “tutor grego” usado pelo narrador faz referência ao processo de helenização por que teria passado o cristianismo primitivo, ainda fundido ao judaísmo (a figura do anacoreta, monge cristão que vivia em retiro, também pode ser datada dos primórdios do cristianismo). A imagem medieval de Cristo sofredor teria se fortalecido, conforme Le Goff, a partir do século XIII. (N. da E.)

do pelos apóstolos que o traíram — e não somente Judas Iscariotes — por meio de uma conspiração. Nessa traição, teria nascido a “ideia cristã” de Cristo. Depois, “o tutor grego” substituiu a imagem de Jesus Cristo pela imagem de um monge descarnado, separando o cristianismo, a “criança órfã”, de sua “mãe judia” e delineando, ainda segundo o narrador, uma segunda conspiração, tramada dentro dos mosteiros gregos, pela vida em reclusão — um método utilizado tanto pelos profetas como por Jesus. Ideias simples do Velho Testamento tornaram-se “complexas”, como fragmentos de um “cálice quebrado”, e as novas concepções cristãs, algumas extraídas do próprio Velho Testamento, foram contrapostas a ele. Um exemplo repetidamente citado pelo narrador é a doutrina cristã da não resistência ao mal, a qual aparece ainda nas palavras do profeta Jeremias. Já a vinda do Anticristo, compreendido pelos ideólogos cristãos como um inimigo do Cristo, foi vaticinada pelo profeta Jeremias. À diferença de Cristo, que veio para abençoar, salvar e, conforme quer demonstrar o narrador, perdoar os pecadores, Anticristo veio para amaldiçoá-los, salvando suas vítimas. Ou seja, em *Salmo*, Cristo e Anticristo, apesar das diferenças, se completam — são irmãos, e não inimigos.

A vinda do Anticristo não aconteceu em qualquer lugar, mas na Rússia, o país escolhido para ser punido, assim como os judeus e os alemães, cada um por seus próprios pecados: os judeus por terem esquecido sua aliança com Deus e por se assimilarem, renegando sua origem; os russos por tentarem construir a Torre de Babel (o império), contrapondo o homem a Deus; e os alemães por suas ideias de supremacia racial.

Eis os quatro terríveis flagelos do Senhor, conforme as palavras do profeta Ezequiel: a espada, a fome, o animal feroz — compreendido como luxúria —, e a doença — a peste.

No primeiro capítulo, surgem os flagelos da fome e da luxúria, pois “às vezes os flagelos acontecem juntos, às vezes separados, às vezes um se fortalece, às vezes outro...”. O livro começa com citações do profeta Isaías e do Gênesis, contando a história do Cristo e do Anticristo e da iniciação do homem à arte: “Quanto à arte, um Dom sagrado do Senhor, o homem aprendeu a dirigi-la contra Aquele de quem a recebera.” (p. 16) Assim, logo no início da obra, surge um narrador instigante: não seria ele mesmo uma representação artística?

A primeira parábola, “Parábola do irmão perdido”, descreve a vida de uma mendiga de nome Maria, da vila de Chagaro-Petróvskoie, no ano de 1933, durante a coletivização. Nesse momento, implantou-se na URSS o go-